

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS, SEGUNDO FREUD, E O PESADELO  
DE CLITEMNESTRA, EM ÊSQUILO E SÓFOCLES

Ivo Bender\*

Durante uma série de conferências nos Estados Unidos, em 1900, Freud declara que a interpretação dos sonhos é a vereda mais segura para alcançar o inconsciente. Literalmente, ele afirma: "A interpretação dos sonhos é, de fato, a estrada real para um conhecimento do inconsciente; é o ali-cerce mais seguro da psicanálise, e o campo em que todo o trabalhador deve adquirir as suas convicções e buscar seu treinamento. Se me perguntassem como alguém pode se tornar um psicanalista, responderia: 'Estudando os próprios sonhos'."<sup>1</sup>

O fracasso de venda dos 600 exemplares da primeira edição, e que levou oito anos para se esgotar, não faria prever que, ao correr do século, A interpretação dos sonhos viesse a ocupar o lugar privilegiado que até hoje ocupa. Na obra, Freud conclui que existe uma técnica que permite interpretar o sonho, que cada sonho e seus elementos deve ser estudado em estreita correlação com a vida psíquica do sujeito sonhador e que é possível clarificar os processos que determinam a aparência singular e impenetrável do material sonhado. Ainda, que o fenômeno onírico é fruto da ação conjunta de forças psíquicas e que a natureza dessas forças, por sua vez, é passível de ser reconhecida. Assim sendo, a psiquê, "oficina" onde se estrutura o sonho, é dividida, segundo Freud em três áreas:

---

\* Professor do Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup> In\_\_ :O que Freud realmente disse, cap. 3.

- Id: área arcaica da mente que é inteiramente inconsciente e é depósito das forças instintivas; movido pelas paixões, abriga conflitos e antíteses.
- Ego: área que reúne o que, anteriormente, Freud designava por consciente e pré-consciente; é aí que se organizam defesas, que se dá a adaptação à realidade, o regulamento dos conflitos, a censura e a razão, a motilidade, a percepção e a memória; o ego pode entrar em conflito com as outras áreas da mente e, mesmo, consigo.
- Superego: área que acumula as funções restritas da psiquê; forma-se a partir das regras impostas ao sujeito pela família e pelo social.

Sendo expressão do inconsciente, as imagens oníricas procuram manifestar desejos inconscientes ou reprimidos sob roupagem simbólica. Sem tal mascaramento, os conteúdos oníricos seriam insuportáveis, podendo levar o sujeito sonhante à depressão ou a outros estados mórbidos e, ainda, ao despertar, provocando assim a interrupção do repouso.

O inconsciente trabalha, disfarçando, deformando e mascarando as imagens o que redonda em o sonho apresentar-se como um complexo simbólico a ser decifrado. Com seus significados mascarados e tendo o Ego como censor, o inconsciente obscurece o sonho através de seus mecanismos de funcionamento.

Os desejos inconscientes, as repressões, os estímulos corporais vividos durante o sonho e mais as imagens retidas do dia anterior são a matéria básica do sonho e formam seu conteúdo latente. Através da elaboração onírica, o material do sonho passa por uma transformação de que resultará o conteúdo manifesto. Em outras palavras, a elaboração onírica vai produzir aquele material que será preservado pela memória do sujeito que sonha.

A elaboração onírica é composta de 5 mecanismos principais: a condensação, o deslocamento, a dramatização, a simbolização e a elaboração onírica.

### Condensação

As idéias oníricas, amplas e ricas, estão contidas, paradoxalmente, em sonhos breves e lacônicos. Isso acontece através do processo de condensação. Dito de outro modo, uma idéia, no sonho manifesto, pode representar muitas associações, as quais, por sua vez, levarão as idéias inteiramente separadas, ainda que, freqüentemente, sobrepostas no conteúdo latente. Tal processo faz com que uma idéia ou fato reconhecível represente, na verdade, certo número de idéias ou recordações, previamente irreconhecíveis e aparentemente não relacionadas. Essas idéias são, realmente, mais importantes do

que o conteúdo reconhecível.

### Deslocamento

O deslocamento é o processo através do que a carga emocional é separada de seu objeto ou conteúdo real e incorporada a outro completamente diferente. É esse movimento que faz com que um sonho, cujo conteúdo é manifestamente trivial, seja acompanhado de grande sensação de angústia ou de excitação. Por outro lado, um sonho em que sucedem coisas aparentemente terríveis ou importantes, pode ser narrado com muito pouco envolvimento emocional consciente. Assim, o deslocamento remove idéias e as substitui por imagens simbólicas atenuando ou obscurecendo completamente a brutalidade dos conteúdos.

### Dramatização

A maior parte dos sonhos, quando recordados, é constituída por imagens visuais, embora o pensamento conceitual esteja ausente, muitas vezes, de tais imagens. O pensamento conceitual surgirá no momento em que a narrativa do sonho se transforme em narrativa oral realizada pelo sujeito sonhador. Nesse sentido, Freud compara a linguagem do sonho com a linguagem poética e descarta qualquer outra para expressá-lo. O sonho apresenta-se, normalmente, como uma série de imagens mentais visuais muito fortes, inexplicáveis e sem conexão lógica ou clara. "Cada quadro conta uma história, mas os quadros nos sonhos não contam a história do sonho, nos termos do que ele realmente significa."<sup>2</sup> Daí, na interpretação dos sonhos, ser necessária a compreensão de seus símbolos e o emprego da livre associação depois de realizada a narração. Freud conclui, pois, que o sonho é uma representação dramática com personagens e onde a ação ocupará o primeiro lugar. No sonho-drama, o espectador que dorme e observa ao mesmo tempo é, também, o autor e, normalmente, o protagonista. Por outro lado, o espectador-autor-protagonista que, em vigília, só vê a cena iluminada, agora poderá vasculhar os bastidores e porões do teatro que ele, ao mesmo tempo, frequenta e abriga.

### Simbolização

"O simbolismo é talvez o capítulo mais notável da teoria dos sonhos. Em primeiro lugar, uma vez que os símbolos são traduções estáveis, concretizam, até certo grau, o ideal

---

<sup>2</sup> In\_\_ : Op. cit., p. 48

dos antigos, tanto quanto a interpretação popular dos sonhos, da qual, com a nossa técnica, nos afastamos amplamente. Eles nos permitem, em certas circunstâncias, interpretar um sonho sem interrogar a pessoa que sonhou, a qual, na verdade, não teria nada a nos contar a respeito do símbolo. Se estamos familiarizados com os símbolos oníricos comuns, e, além disso, com a personalidade da pessoa que sonhou, as circunstâncias em que vive e as impressões que precederam a ocorrência do sonho, muitas vezes estamos em situação de interpretar um sonho diretamente... (...)"

Freud, através de seu trabalho com pacientes e com a pesquisa paralela, levantou os principais símbolos sexuais assim como se manifestam no plano onírico. Numa primeira simplificação poderíamos afirmar que os objetos convexos, pontiagudos e penetrantes representam os genitais masculinos, enquanto os côncavos ou aqueles com a capacidade de abrigarem outros, os femininos. Freud desenvolve sua teoria ampliando o acervo simbólico e finaliza concluindo que, a par da imageria onírica pessoal, persiste outra, paralela e mais vasta, que responde à imageria universal, espécie de lastro comum legado ao homem desde o princípio dos tempos. O material onírico, portanto, é tessitura intrincada da qual participam ambos os materiais imagéticos.

#### Elaboração secundária

A elaboração secundária resulta da tendência de quem sonha de, uma vez desperto, dar algum sentido à recordação que retém do sonho. No entanto, tentar explicar uma parte do sonho por outra, como se o mesmo fosse um todo coerente é tentativa inútil que não leva à decifração. "O fato de que alguma elaboração secundária é uma parte indispensável da tentativa humana para lidar com o conteúdo manifesto do sonho, durante a vida de vigília, simplesmente acrescenta um elemento a mais de distorção, ao conteúdo latente, do qual o conteúdo manifesto é meramente a expressão mascarada, deformada."<sup>3</sup> Recordar e relatar o sonho implica em traduzir, pois, através de uma narrativa, o conteúdo manifesto, satisfazendo nosso sentido de narrativa e significação. O resultado será sempre uma narrativa que ecoa outra que, por sua vez, mascara uma outra.

O apanhado que até aqui realizamos nos leva a detectar algumas relações que podemos estabelecer entre o labor

---

<sup>3</sup> In\_\_ : Op. cit., p. 53.

psicanalítico, quando a área onírica é a explorada, e a literatura de modo amplo. Assim, das três formas literárias tidas como principais, o sonho parece aproximar-se da poesia já que as imagens oníricas também podem permear o texto poético. Mas o drama será, talvez, a forma literária privilegiada na tentativa de encontrar paralelos. Nessa afirmação, estamos considerando a forma dramática acabada, ou seja, o espetáculo.

A relação paciente-analista, num certo sentido, repete o binômio dramático protagonista-deuteragonista, embora aqui os papéis se interpenetrem; há, também, os personagens de apoio ou, ainda, os circunstanciais que entram na narração e, por via da referência do paciente, acabam revelando importância maior ou menor no desenrolar da ação que a sessão psicanalítica evoca e sobre a qual trabalha. A relação paciente-analista pode, também, ficar carregada de outra analogia: os problemas narrados são vistos através de um discurso. Eles sofrem, portanto, uma transfiguração que se aproxima da criação literária.

A partir do que até aqui vimos, podemos concluir que sendo o sonho, em mais de um nível, uma narrativa e que do material onírico participam elementos pertencentes àquele acervo comum à humanidade, sonho e mito habitam o mesmo espaço psíquico, trabalham com imagens comuns e se expressam de forma semelhante embora de maneira diversa. Por isso, procurando ilustrar a interpretação dos sonhos, escolhemos um segmento de textos dramáticos que têm suas origens em um mito e, mais precisamente, um fragmento que lide com material que, uma vez decifrado, revele desejos reprimidos ou culpas recalcadas no inconsciente. Para tanto será preciso trabalhar com dados recolhidos do mito em si, dos antecedentes da situação em que o sonho se apresentou e da informação de outros personagens para, com essa soma, chegar à decifração do conteúdo latente.

#### A serpente e o seio

Sem pretender violentar a leitura trágica de *As Coéforas*, de Ésquilo e de *Electra*, de Sófocles, nas quais a premonição, através dos sonhos, desempenha importante papel seja na fábula, seja no desenrolar da ação propriamente dita, vamos procurar descobrir o conteúdo latente do sonho de Clitemnestra. Para a tarefa proposta, utilizaremos os dados anteriormente apontados e mais aqueles da história pessoal do personagem.

Em *As Coéforas*, o sonho é narrado da seguinte maneira:

CORO

"(...) Foi por ser perseguida por sonhos e terrores nocturnos que essa mulher ímpia ofereceu as libações.

ORESTES

E estás informada da natureza desses sonhos para que mos expliques claramente?

CORO

Segundo ela mesma diz, parece que sonhou que pariu uma serpente.

ORESTES

E qual é o resultado e o fim desse sonho?

CORO

Acaba por a criar como se fosse uma criança.

ORESTES

E de que se alimenta esse monstro?

CORO

No seu sonho, é ela própria que o amamenta.

ORESTES

E a horrível fera não lhe fere o peito?

CORO

Sempre que lhe suga o leite lhe faz sangue.

ORESTES

(...)

CORO

Acordada pelo medo, põe-se a gritar. (...)

ORESTES

(...) Se a serpente, saída do mesmo seio que eu, foi enfaixada como uma criança, se mamou no seio que me nutriu e misturou o sangue ao doce leite de minha mãe, enquanto ela gemia apavorada pelo que lhe estava a acontecer, penso que será necessário, já que pariu tal monstro, que morra de morte violenta e que eu, transformando-me em serpente, a mate, como nos revela o sonho."

Percebemos, pelo excerto, que Orestes aproveita a narração do sonho para, através de sua interpretação, conquistar um referendo a mais para o seu ato. Como já havíamos apontado, anteriormente, o sonho de Clitemnestra tem uma função dentro da composição do texto mas acaba por ultrapassar o seu próprio

aspecto premonitório e, no âmbito do Direito, adquirir a força de um sancionamento. O sonho, como Orestes o vê, ecoa Apolo e a equidade de sua Dikê.

Por outro lado, Clitemnestra desperta aterrorizada e põe-se a gritar. Isso nos diz que o mascaramento não foi o suficiente ou, então, que o próprio mascaramento do conteúdo latente foi o que provocou o terror. A história pessoal de Clitemnestra nos levará a informações reveladoras. Assim, temos que:

*-Clitemnestra comete adultério com Egisto, que não participou da guerra de Tróia;*

*-Egisto é visto como homem não viril;*

*-A rainha é vista como mulher "de máscula vontade".*

*-Clitemnestra mata Agamemnon auxiliada por Egisto;*

*-A rainha castra o cadáver de Agamemnon;*

*-Ela exila o único filho homem.*

Assim, temos que a rainha comete o adultério com um homem que tem "coração de mulher", ou seja, na traição ao marido, sua escolha recai sobre quem é semelhante a si mesma. Há, pois, de maneira difusa, uma rejeição à masculinidade. Entendemos que essa rejeição lança raízes num passado distante pois a masculinidade já fora propiciadora de dor e luto à época da imolação de Ifigênia. A rejeição, que aparece na escolha de um amante que não é guerreiro, terá seqüência no afastamento de Orestes, detentor de masculinidade e possível exercitador da mesma no tempo devido.

É o sentinela que em Agamemnon nos informa ser a rainha de " máscula vontade" e, depois, em As Coéforas, o rechaço a Electra acontece porque esta elege a masculinidade como aquela que deve exercer o poder e por considerar o assassinato do pai como impiedade máxima: É que Agamemnon é pai e é rei.

Constatamos, pois, que o endurecimento do caráter de Clitemnestra ou, por outra, a irrupção de seus traços viris, tem motivo na morte de Ifigênia provocada pelo macho sacrificador e na necessidade de exercer o poder na ausência do marido. Para enfrentar o homem que retorna é preciso transmutar-se em homem.

No sonho, Clitemnestra dá à luz a uma serpente. A interpretação do pesadelo pode ser realizada em mais de um plano: primeiro, o nascimento da serpente responde ao desejo reprimido de Clitemnestra de ser ela mesma a detentora do falo. Em outras palavras, ela faz brotar de seu interior o apa-

rato identificador da masculinidade. A continuidade do sonho, no entanto, corrige e encobre o seu desejo na medida em que a maternidade se expressa imediatamente no aleitamento da serpente. Percebemos através desse gesto maternal que o conteúdo latente do sonho é mascarado. No momento em que ela alimenta a víbora, nova alteração sucede: o falo-serpente-criança fere o seio e o faz sangrar. A doçura do gesto materno é, portanto, brutalmente agredida. Na história de Clitemnestra já houve a perda da primogênita. Agora Clitemnestra-Ifigênia é novamente sangrada. O falo-serpente é sempre vertedor de sangue. O prazer, possibilidade oferecida pelo falo, está ausente do sonho. Ora, a masculinidade, doadora de morte e dor não pode ser mais objeto de eleição. Ante tal masculinidade tem que erguer-se outra. Clitemnestra, desde Agamemnon vinha se afirmando como mulher-fâlica. A divisão de poder, consequentemente, só pode acontecer com Egisto. Ou, por outra, Clitemnestra-homem só pode unir-se a Egisto-mulher. Dentro dessa leitura, o sonho apenas expõe, através de imagens em ação, a interioridade da rainha e as distorções por ela intuídas como tal. Dito de outro modo: Clitemnestra comunga da reprovação do sentinela e do Coro em Agamemnon e de Electra, em As Coéforas. Internamente, Clitemnestra está insegura quanto a posse do falo, sente-se culpada e recalca a consciência de culpa por portar o que ela não deveria portar.

Uma outra leitura do sonho nos conduz ao horror ao incesto que Clitemnestra abriga: uma vez parida a serpente, ela passa a sugar o seio materno. A serpente-falo, intuída pela mãe como ameaça, nos leva ao temor da rainha de uma possível relação incestuosa com o filho. Por isso, no sonho, a censura atua e fica descartada qualquer possibilidade de prazer no ato de ser sugada, prazer esse implícito no dar de mamar. Dito de outro modo, o desejo incestuoso é deformado e a serpente parida só pode oferecer horror.

Retrocedendo no drama e levantando os dados ausentes da tragédia mas que participam de seu nó e, ainda, somando o que acima ficou dito, entenderemos que o horror ao incesto é um dos componentes acionadores do exílio do único filho homem. Continuador da estirpe, herdeiro, pois, do falo paterno, Orestes se constitui em ameaça não apenas política, mas, e agora no plano psicológico, como substituto do pai, seu desdobramento e presentificação. A serpente-falo agora parida é o falo-Orestes. Vertedor de sangue como fôra Agamemnon, este Orestes se revela mais brutal: ele é sugador-deflorador. Não é em vão que Orestes e esse falo-serpente são um só, saíram do mesmo ventre e a esse mesmo ventre deverão voltar: Clitemnestra assim o quer.

A culpa pela morte traiçoeira de Agamemnon, repri-

mida em estado de vigília, aflora no sonho já com a solução mitigadora: receber no leito o desdobraimento da vítima. A solução, no entanto, é deformada e a consciência de Clitemnestra não terá de conviver com a idéia de um possível incesto.

### O cetro e a sombra

Em Electra, de Sófocles, há dois fatos referidos que também estão presentes em As Coéforas:

- A emasculação do cadáver de Agamemnon;
- o sonho premonitório da rainha.

Será Crisôtemis quem, ao levar as oferendas apaziadoras à tumba do pai, relatará o sonho:

*"Disseram que ela viu meu pai ressuscitado;  
ele, empunhando o antigo cetro régio,  
plantou-o em terra; o cetro transformou-se em  
árvore  
imensa, que cobriu o chão micênio inteiro.  
Eis a visão. (...)" (vv 394-398)*

A elucidação do sonho, como veremos, nos conduzirá ao desejo inconsciente de morte alimentado por Clitemnestra. O sentimento de morte surge a partir da consciência da ambigüidade de que estava eivado o seu ato de Dikē e da culpa reprimida em relação a Orestes.

O relato de Crisôtemis é parco na tradução que usamos. No entanto, a narração revela a presença de dois símbolos fálicos: o cetro e a árvore. E mais: o próprio detentor do falo se faz presente no sonho. Em outros termos: mostra-se inútil a castração do cadáver do marido já que, internamente, Clitemnestra considera sempre Agamemnon como portador da masculinidade. Ainda que casada em segundas núpcias, é ao marido morto que ela confere um cetro-falo incorruptível. Essa é a razão pela qual o cetro, uma vez plantado, dá origem à árvore frondosa. No texto grego, a árvore é identificada com o loureiro, planta consagrada do Apolo. O fato de a árvore ser um loureiro presentifica a figura de Febo, conhecedor do crime de Clitemnestra.

Ao cobrir o solo, o loureiro cobrirá, também, o palácio e a rainha. É nessa cobertura que está a chave para entendermos o desejo de morte, reprimido, da rainha. Isso se explica pelo fato de a rainha, na verdade, saber que a Dikē, por ela acionada e pela qual Agamemnon foi morto, já estava de antemão poluída pela relação adúltera mantida com Egisto. Portanto, o mérito da Dikē esvaiu-se no próprio ato. Clitem-

nestra sabe, também, da irreversibilidade do seu gesto: impossível fazer refluir o sangue derramado, impossível despo-luir a Dikē, se é que, nesses termos, ela ainda pode ser vis-ta como Justiça. A culpa aqui detectada é acrescida de outra: Clitemnestra mantém afastado do poder aquele a quem compete o seu exercício. Culpa e temor aqui se somam: Orestes, querendo ou não, terá que reclamar, um dia, o que lhe pertence.

Diante desse quadro, em que a ausência de alterna-tivas é a única certeza, o desejo de morrer se manifesta através da árvore em que se transforma o cetro. E mais do que através da árvore, pelo que lhe é inerente num solo tão bati-do pela luz: sua sombra. A sombra, imagem prenhe de frescor e repouso é contrapartida da sombra do Hades. Por isso, quem planta o cetro é um morto e não um ser até aqui vivo, embora no exílio. O recolhimento à sombra é, pois, anelo e alterna-tiva apaziguadora para a rainha.

Uma outra leitura do sonho de Clitemnestra nos per-mite detectar, no conteúdo latente, o mesmo horror ao incesto visto no pesadelo apresentado em As Coéforas. Essa interpre-tação é possível pois quem planta o cetro é Agamemnon, com quem Clitemnestra teve Orestes. Para uma melhor compreensão do sonho, vejamos o relato de Crisôtemis, na versão para o francês direta do grego:

*"On dit qu'elle aurait vu notre père, à nous deux, reparaitre devant elle, et qu'il aurait planté dans notre foyer le sceptre qu'il portait jadis, avant qu'Égisthe le lui eût pris. De ce sceptre alors aurait jailli un laurier florissant, capable de couvrir à lui seul de son ombre toute la terre de Mycènes. Tel est le récit que je tiens d'un homme qui se trou-vait là lorsqu'elle exposait son rêve au So-leil. (...)"*

Na exposição acima, aparecem os dois representantes da masculinidade, assim como Clitemnestra a experimentou: Agamemnon e Egisto. Como não há alusão alguma a um marido an-terior a Agamemnon, presente em outra vertente do mito, não vamos considerá-lo. A florescência do cetro de Agamemnon em um grande loureiro "capaz de, sozinho, cobrir com sua sombra toda a terra de Micenas", nos leva a concluir que o loureiro presentifica Orestes a "cobrir" a mykēnaion cthona inteira. Ora, essa cthona nos remete, imediatamente, às deusas ctôni-cas, das quais, Clitemnestra é uma digna representante na me-dida em que além dos filhos tidos com Agamemnon, ela tem fi-lhos com Egisto. Portanto, enquanto ventre gerador, Clitem-

nestra tem cumprido o seu papel. O adjetivo pátrio mukenaion, micênica, é um dado a mais a revelar que essa cthona é a própria Clitemnestra pois é ela quem reina em Micenas/Argos. Ora, o loureiro "cobre" a terra, ou seja, ele realiza o intercurso sexual com ela. No momento em que Clitemnestra, atemorizada, compreende a seu modo o significado do sonho, ela manda oferendas ao sol e lhe relata o pesadelo. O entendimento que a rainha tem do sonho fica restrito ao âmbito político e à esfera do Direito. Ela teme, realmente, ficar "ensombrecida" pelo retorno de Orestes. Clitemnestra intui, por um lado, a perda próxima do poder e o necessário ajuste de contas. O conteúdo latente, no entanto, fica imune à compreensão: o desejo/horror em relação ao incesto com Orestes.

A condensação, como fase do trabalho onírico, sobrepõe duas idéias que, ao final de contas, se reúnem numa mesma idéia básica: a temida ascensão masculina no universo interno de Clitemnestra. Dominação aí significa sexualidade e poder político. A dominação sexual, aqui compreendida como a rendição ao desejo incestuoso, é deslocada e surge mascarada sob a roupagem da sombra que se estende sobre a terra. Se atentarmos para o que ficou dito anteriormente em relação aos três homens Agamemnon-Egisto-Loureiro (Orestes) entendemos que a elaboração secundária realizada pela rainha se aproxima da verdade: Orestes é realmente uma ameaça. O conteúdo latente do sonho de Clitemnestra valeria, por si somente, um estudo mais vasto pela sua riqueza e complexidade. Através de seu exame, ainda que não suficientemente aprofundado, levantamos uma das pontas do escuro véu que encobre a interioridade complexa de Clitemnestra.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CLARK, David Stafford. O que Freud realmente disse. (mimeo)
2. ÉSQUILO. Agamemnon. Coimbra, INIC, 1985.
3. ÉSQUILO. As Coéforas. In: -Teatro Completo, Lisboa. Estampa, 1975.
4. ESCHYLE. Les Choéphores. Paris, Les Belles Lettres, 1952. t. 2.
5. FREUD, Sigmund. La interpretación de los sueños. In: -Obras Completas. Madrid, 1981. t.1
6. SOFOCLES. Electra. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

7. SOPHOCLE. Electre. Paris, Les Belles Lettres, 1981. t. 2.